

## MIKHAIL BAKHTIN E MARTIN BUBER: VARIAÇÕES EM TORNO DE UM MESMO (?) DIÁLOGO (Parte II)

Cristina Momberger ZANFERRARI

ULBRA

**RESUMO:** A primeira parte deste estudo tratou do conceito de diálogo na obra de Mikhail Bakhtin e de Martin Buber. Nesta segunda parte, buscou-se analisar outras similaridades nos postulados teóricos desses pensadores. Uma delas diz respeito ao entendimento de reciprocidade, para Buber, e de responsividade, para Bakhtin, donde se depreende a alteridade como condição *sine qua non* para a ocorrência do diálogo. Outro aspecto convergente aponta para os conceitos de imediatez do encontro, na visão buberiana, em relação à eventicidade do enunciado, na visão bakhtiniana. São conceitos que, ao serem dialogicamente confrontados, refletem o caráter único, a singularidade, de toda e qualquer situação de interação comunicativa. A análise também demonstrou que os conceitos de Bakhtin trazem em seu bojo, ainda que veladamente, o gérmen do conceito de diálogo de Buber. Cabe ressaltar que o estudo ainda tangencia, a despeito das semelhanças conceptuais entre os dois filósofos estudados, um aspecto aparentemente distinto entre os autores: trata-se do caráter social da enunciação, de Bakhtin, em oposição ao caráter da genuína presença, de Buber. Essa é, no entanto, uma especulação que requisita uma nova pesquisa, o que evidencia, por sua vez, a proposição bakhtiniana do permanente inacabamento do diálogo.

### 1 INTRODUÇÃO

**“DIÁLOGO DO DESCONHECIDO**

\_Posso dizer tudo?

-Pode.

-Você compreenderia?

*\_Compreenderia.*

*Eu sei de muito pouco. Mas tenho a meu favor  
tudo o que não sei e \_ por ser um campo virgem\_ está livre  
de preconceitos. Tudo o que não sei é a minha parte maior  
e melhor: é a minha largueza. É com ela que eu compreenderia tudo.  
Tudo o que não sei é que constitui a minha verdade.”*

*Clarice Lispector*

Ao confrontarmos a filosofia do diálogo de Mikhail Bakhtin com a filosofia do diálogo de Martin Buber, em estudo que a este antecedeu, acreditamos ter promovido o verdadeiro dialogismo, tal como o próprio Bakhtin o concebeu. Ou seja, buscamos, naquele estudo, justapor os enunciados bakhtiniano e buberiano a respeito do diálogo a fim de assinalar-lhes as semelhanças e apontar-lhes as diferenças, demonstrando que há, sim, entre eles uma relação de sentido. Há, pois, entre eles uma relação dialógica.

Essa relação dialógica nos permitiu vislumbrar alguns aspectos fundamentais na obra de Bakhtin que revelam a expressiva influência de quem o antecedeu nos estudos e na filosofia: Martin Buber. Ainda que o filósofo russo seja indiferente em indicar nas suas obras as fontes, conforme se lê em Zandwais (2005), é-nos evidente que o seu conceito de diálogo e sua visão da linguagem estão consistentemente impregnados dos ensinamentos de Buber.

Assim, esta segunda parte do estudo\_\_ que bem poderia se denominar “Bakhtin à luz de Buber”\_\_ traz à tona outros conceitos assemelhados na obra dos pensadores em questão. Tencionamos, pois, demonstrar que, subjacente ao conceito bakhtiniano de *enunciação* repousa o mesmo caráter da *relação* de Buber: a eventicidade. E que *diálogo* e *dialogismo* podem se constituir em diferentes manifestações do que Buber denominou *encontro*.

## 2 ENUNCIÇÃO E RELAÇÃO SOB O VIÉS DA UNICIDADE

Do ponto de vista dos estudos da linguagem, o conceito de *enunciado/enunciação* está longe de encontrar um consenso. Não nos cabe aqui discutir a pluralidade de sua significação, antes interessa apresentá-lo da forma como o entendeu Bakhtin.

Tomemos o clássico exemplo formulado pelo filósofo russo, múltiplas vezes retomado por seus estudiosos, segundo o qual dois homens encontram-se sentados numa sala, ambos em silêncio, quando um deles diz “Bem”, sem que o outro responda. Isolada, linguisticamente analisada, a proposição “Bem”

é vazia de sentido e, portanto, ininteligível. Todavia, levando em consideração o contexto extra-verbal (os interlocutores olhavam pela janela ansiosos pela primavera, já estavam cansados do prolongado inverno, quando então começa a nevar, desapontando-os) em que a palavra “Bem” foi proferida é possível dotá-la de valor e significação. Assim, podemos dizer que o enunciado é uma unidade de sentido constituída no momento mesmo de uma situação de interação comunicativa. Todos os elementos presentes nesta situação — os interlocutores, o momento histórico e social, o espaço geográfico, a cultura, a língua, etc. — constituem o ato de dizer. Ou seja, o enunciado não simplesmente reflete uma situação; ele é uma situação.

Conceber a enunciação como algo que transcende a materialidade linguística tem suas consequências. A mais relevante delas é o fato de que “enunciar” implica estabelecer uma relação, uma ligação: “Uma enunciação liga o eu e o outro, forjando entre os dois pólos de toda percepção a própria possibilidade de seu existir unido numa simultaneidade” (CLARK; HOLQUIST, 2008, p.225).

Há, pois, em nosso entendimento, três aspectos do entendimento de *enunciação* que correspondem à ideia de *diálogo* postulada por Buber: a imprescindibilidade do outro (TU), o estabelecimento de uma *relação*, e a imediatez e *singularidade* dessa relação. Assim, pressupor que haja um outro (TU) é condição *sine qua non* para a existência do diálogo, afinal “são necessários no mínimo dois para conversar”; ao voltar-se para o outro o homem estabelece uma relação, e a cada vez que o faz é de forma única, irrepetível do ponto de vista das circunstâncias, do evento mesmo que constitui essa interação comunicativa. Vejamos como se assemelham esses três aspectos nos estudos de Bakhtin e de Buber:

a) a existência da alteridade como condicionante da relação dialógica:

[...] endereçar-lhe a palavra-princípio [Eu-Tu] é um ato de meu ser, meu ato essencial. [...] O Eu se realiza na relação com o Tu; é tornando Eu que digo Tu (BUBER, 2001, p. 59)

[...] o direcionamento, o endereçamento do enunciado é sua peculiaridade constitutiva sem a qual não há nem pode haver enunciado (BAKHTIN, 2003, p.305).

b) endereçar-se ao outro consiste em entrar em relação. Para Buber, “o movimento básico dialógico consiste no voltar-se-para-o-outro” (2007, p. 56), isto é, só há relação quando há reciprocidade, ou seja, quando há uma resposta à palavra dirigida. Para Bakhtin, essa reciprocidade se evidencia no caráter daquilo que ele denomina “responsividade”. Responder, nesses termos, significa compreender ativamente a palavra dirigida e tomar uma posição em relação a ela:

Toda compreensão da fala viva, do enunciado vivo, é de natureza ativamente responsiva (embora o grau desse ativismo seja bastante diverso); toda compreensão é preche de resposta, e nessa ou naquela forma a gera obrigatoriamente: o ouvinte se torna falante (BAKHTIN, 2003, p.271).

A compreensão é uma forma de diálogo; ela está para a enunciação assim como uma réplica está para a outra no diálogo. Compreender é opor à palavra do locutor uma *contrapalavra* (BAKHTIN, 2002, p.132).

Para Bakhtin, da mesma forma que para Buber, responder à palavra dirigida é, afinal, uma ética da responsabilidade diante do outro. A presença do outro demanda uma atitude responsiva, interativa, sem a qual não poderá jamais haver uma *relação*. Ao não responder, o TU\_ a quem o EU se dirige\_ exclui toda e qualquer possibilidade de relação. Não responder é, pois, negar à relação a possibilidade de existência.

E, finalmente,

c) o caráter de eventicidade de toda relação/enunciação. O momento em que Eu-Tu entram em relação é, a cada vez, um momento único, singular, irrepitível. Buber fala na “imediatez” do encontro, o que significa determinar que nada deve se interpor entre o Eu e o Tu e que a verdadeira relação, portanto, somente ocorre na medida em que haja “presença”. “Presença não é algo fugaz e passageiro, mas o que aguarda e permanece diante de nós” (BUBER, 2001, p. 60). Esse conceito de presença, entendemos tratar-se de um “estar inteiro”, “estar por completo” no instante do encontro, e, por isso mesmo, algo que não pode jamais repetir-se da mesma forma. Consideramo-lo o princípio *panta rei* da relação. É compreensível que assim o seja, tendo em vista que Buber foi seguidor do Hassidismo, derivação do Judaísmo que enfatizava a simplicidade, a devoção de cada dia, na concretude de cada momento e na santificação de cada ação. É por isso que “Buber compara as

situações contingentes com o recém-nascido que, apesar das semelhanças, tem sempre uma feição nova, jamais vista e que permanecerá única” (ZUBEN, 2003, p.19). E é com esse mesmo caráter, de singularidade, que o filósofo austríaco concebe o diálogo. Da mesma forma, a enunciação, para Bakhtin, é também um evento de caráter único e irrepetível:

[...]como enunciado (ou parte do enunciado) nenhuma oração, mesmo a de uma só palavra, jamais pode repetir-se: é sempre um novo enunciado (ainda que seja uma citação). (BAKHTIN, 2003, p.313).

O enunciado concreto (e não a abstração lingüística) nasce, vive e morre no processo da interação social entre os participantes da enunciação. (BAKHTIN apud BRAIT, 2005, p.68).

Assim, dado o caráter de eventicidade da enunciação, não hesitamos em afirmar que *enunciação é relação*. Enunciar não é senão *entrar em relação com* e, portanto, a cada vez que se enuncia há a demanda por presença, bem como há algo de inédito, de acontecimento único e singular. Eis, pois, como os conceitos bakhtinianos estão impregnados da filosofia de Buber.

### 3 DIÁLOGO E DIALOGISMO: INSTÂNCIAS DO ENCONTRO

Quando nos propusemos, ao início deste estudo, a elucidar o conceito de *diálogo* é porque o entendimento de diálogo, tanto para Buber quanto para Bakhtin, transcende largamente o da interação face a face<sup>1</sup>.

Diálogo, para Buber, tem a dimensão de uma epifania: “O fato de que exista o mundo, que o homem, a pessoa humana exista, que eu e tu existamos tem um sentido divino” (2001, p.106). É, portanto, algo que acontece “entre” o EU e o TU e que, muitas vezes, prescinde de palavras. Essa singularidade da relação\_\_ sem a qual não pode existir o diálogo, pois o diálogo é relação \_\_ , do que se passa “entre” o EU e o TU, é o que faz com que o diálogo, na dimensão buberiana, adquira o sentido de *encontro*.

---

<sup>1</sup> “O diálogo, no sentido estrito do termo, não constitui, é claro, senão uma das formas, é verdade que das mais importantes, da interação verbal. Mas pode-se compreender a palavra ‘diálogo’ num sentido amplo, isto é, não apenas como a comunicação em voz alta, de pessoas colocadas face a face, mas toda comunicação verbal, de qualquer tipo que seja.” (BAKHTIN, 2002, p.123).

Encontro tem, pois, o sentido de atualização da presença de um diante do outro. É por isso que o diálogo, a partir desse entendimento, pode acontecer também no silêncio, na ausência de palavras. Dialogar é estar em presença e, por meio da presença, entrar em relação, o que pode ocorrer em três níveis: o do homem com a natureza, o do homem com o homem, e o do homem com o divino. Qualquer desses níveis em que ocorra a relação, ocorre também o diálogo. A vida é, portanto, constitutivamente dialógica para Buber.

Para Bakhtin não é diferente esse aspecto. Também o filósofo russo concebe o diálogo como algo não só vivencial, mas a ser vivenciado *com* o outro. O diálogo, para ele, é a celebração da alteridade e, conseqüentemente, do ser, uma vez que “Ser significa comunicar-se dialogicamente. Quando o diálogo termina, tudo termina” (BAKHTIN apud CLARK & HOLQUIST, 2008, p.108).

E *quando* termina o diálogo? Quando não há a responsividade. Um enunciado sem resposta é uma voz sem ressonância, é um EU que não encontra o TU. No dizer de Bakhtin: “Para a palavra ( e conseqüentemente para o homem) não existe nada mais terrível do que a irresponsividade” (2003, p.333). Ou seja, se para Buber a relação, o diálogo, implica reciprocidade, para Bakhtin a ausência de resposta corresponde à falta de reciprocidade, e, portanto, a impossibilidade dialógica.

A despeito do reconhecimento dessa semelhança entre os dois filósofos, há que se observar que, embora o diálogo bakhtiniano conserve o caráter ontológico em seu bojo, os estudos de Bakhtin enveredaram para a área da linguagem, conservando um interesse profundo pela interação verbal e pelas circunstâncias nas quais ela ocorre e das quais ela decorre. Daí Bakhtin ter-se dedicado exaustivamente à noção de enunciação e enunciado. Sua tese rechaça a análise linguística tradicional, cujo objeto de estudo está restrito ao sistema abstrato da língua, às suas categorias gramaticais e sintáticas. Bakhtin, ao contrário, percebe a língua como indissociável da própria vida e, portanto, a enunciação/o enunciado corresponde à língua em uso.

Para esse pensador, um enunciado é sempre respondente a outro, ou seja, ele inexistente fora das relações dialógicas. E cabe ainda dizer que essas relações

dialógicas não coincidem com as relações entre as réplicas do diálogo face a face, mas são antes bem mais amplas, diversificadas e complexas, podendo compreender enunciados temporalmente e espacialmente distanciados. Conforme afirma Bakhtin:

Dois enunciados diferentes um do outro, tanto no tempo quanto no espaço, que nada sabem um sobre o outro, no confronto dos sentidos revelam relações dialógicas se entre eles há ao menos alguma convergência de sentidos (ainda que seja uma identidade particular do tema, do ponto de vista, etc.). (2003, p.331).

O dialogismo se constitui, portanto, no encontro de dois enunciados que, ao serem confrontados, dialogam entre si na “grande temporalidade”. Onde quer que haja um enunciado, ali também está outro, assemelhando-se ou contrapondo-o. Para melhor ilustrar o fenômeno, tomemos como exemplo desse caráter interdiscursivo do dialogismo o livro intitulado “Quem ama não adoce”. Ora, haver um discurso que propaga estar a saúde relacionada à capacidade de amar, só é possível de se compreender como uma resposta a um outro discurso: àquele que diz estar a doença relacionada à incapacidade de amar. São discursos/enunciados plenos de vozes sociais em concordância ou dissonância nas mais diversas esferas do convívio inter-humano.

Se a justaposição de enunciados constitui, para Bakhtin, uma relação dialógica, o mesmo se pode interpretar a partir do entendimento de Buber acerca da palavra escrita: “The written Word is never, for Buber, just a monument to past dialogue. It calls out for dialogue with the other, the Thou to whom it is spoken.”<sup>2</sup>(FRIEDMAN, 2002, p.359).

Tanto para Buber quanto para Bakhtin, portanto, a vida se reveste e se constitui em uma grande teia dialógica, na qual nos encontramos inexoravelmente engendrados e infinitamente interligados.

Para Bakhtin, viver é viver dialogicamente, investindo-se o ser de linguagem e discursividade:

Viver significa tomar parte no diálogo: fazer perguntas, dar respostas, dar atenção, responder, estar de acordo e assim por diante. Desse diálogo, uma pessoa

---

<sup>2</sup> Em tradução livre: “A palavra escrita nunca é, para Buber, apenas um monumento ao diálogo passado. Ela clama pelo diálogo com o outro, com o Tu para quem é dirigida.”



participa integralmente e no correr de toda sua vida: com seus olhos, lábios, mãos, alma, espírito, com seu corpo todo com todos os seus feitos. Ela investe seu ser inteiro no discurso e esse discurso penetra no tecido dialógico da vida humana, o simpósio universal. (2003, p.348).

Dessa forma, é-nos possível entender que o dialogismo engendra, sempre, um *diálogo* no mais absoluto sentido de *encontro*, para empregar o termo conforme cunhado por Buber.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diz Bakhtin que um enunciado somente pode ser considerado acabado quando lhe for permitido obter uma resposta. Nesse sentido, o enunciado tem, por natureza, um caráter de inacabamento. Chegamos, portanto, neste estudo, à condição de um enunciado que anseia por ser respondido. Chegamos não ao final, à conclusão, mas à possibilidade de ser ponte, de ser palavra dirigida a quem se disponha a ouvir e a responder, de ser este estudo/enunciado instaurador de um novo diálogo.

Colocados, pois, em relação dialógica, Bakhtin e Buber permitem entrever mais semelhanças entre si do que se poderia inicialmente supor.

Ambos pensadores eram, cada um à sua peculiar maneira, tementes a Deus. Buber, assumidamente seguidor e propagador do Hassidismo, explicita seu posicionamento religioso ao longo de toda a sua obra, e sua concepção de homem como ser dialógico é, afinal de contas, um testemunho de sua fé. Bakhtin, por sua vez, se nos deixa entrever alguma religiosidade em seus escritos o faz de forma velada e sutil, através de sua crença na relação do homem com o homem, conforme podemos ler em Clark & Holquist (2008, p.87): “Em vez de buscar o lugar de Deus na estase e no silêncio, buscava-O na energia e na comunicação. Procurando uma conexão entre Deus e os homens, Bakhtin concentrou-se nas forças que possibilitavam as ligações, na sociedade e na linguagem, entre os homens.”

Outro traço comum entre Buber e Bakhtin é a valorização da vida cotidiana, de sua concretude, de sua condição de singularidade e irrepetibilidade. Buber manifesta essa valorização por meio da própria *relação* EU-TU, em sua

natureza tríade: do homem com a natureza, do homem com o homem, do homem com Deus. Bakhtin o faz por meio da *enunciação*, acontecimento também único e irrepetível, dadas as condições em que se constitui.

Mas é sobretudo no conceito de *diálogo* que encontramos o laço mais forte da relação entre os dois pensadores. Para haver diálogo são necessários no mínimo dois. Assim, Bakhtin, à luz de Buber, celebra a alteridade como a condição *sine qua non* para o homem se reconhecer como ser no mundo. Haver relações dialógicas repousa, portanto, sobre o fato de que o homem não é só no mundo, o homem é sempre um ser-com-o-outro. Voltar-se ao outro é seu ato ético no mundo. O conceito de *diálogo* é, pois, em Buber tanto quanto em Bakhtin, um conceito ontológico e antropológico em toda sua concepção. Tanto isso é verdadeiro que podemos afirmar que a ausência de reciprocidade, no diálogo, equivale a um estado de não-ser para a parte que fala/enuncia para o EU, por assim dizer. Não responder é relegar a palavra-princípio EU-TU, a relação portanto, à condição de inexistência.

Se essas questões se afiguram sobre as similaridades conceptuais entre os dois filósofos estudados, não podemos, por outro lado, deixar de especular sobre pelo menos um ponto que nos parece particularmente distinto: o caráter social da enunciação, de Bakhtin, em oposição ao caráter da genuína presença, de Buber. Buscaremos explicar brevemente em que consistiria tal oposição.

Quando falamos em caráter social da enunciação, estamos nos referindo ao fato de que, para Bakhtin, toda palavra é ideológica, uma vez que veicula sentidos axiológicos, posicionamentos de valor. Assim, enunciar é posicionar-se no mundo em relação a tudo e a todos. Dessa forma, o diálogo bakhtiniano é também um complexo de forças nele atuantes, que condiciona a forma e as significações do que se diz. Ou seja, como o *self* bakhtiniano jamais é completo, porque só existe dialogicamente, jamais se poderia atingir, no diálogo, a plena presença, “uma completa identidade unitária em si mesma” (CLARK & HOLQUIST, 2008, p.91). Esse fator constituir-se-ia, em nosso entendimento, em um obstáculo à verdadeira presença requerida pelo diálogo

buberiano: “Todo meio é obstáculo. Somente na medida em que todos os meios são abolidos, acontece o encontro.” (BUBER, 2001, p.59).

É evidente que esse contraponto não passa de uma especulação, e que somente um outro e novo estudo poderá contemplar e aferir essas suposições. Buber e Bakhtin continuam, pois, a nos desafiar. E confrontá-los na grande temporalidade representa proporcionar-lhes, (ainda que) postumamente, o verdadeiro *encontro*.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail (V.N.VOLOSÍNOV). *Marxismo e filosofia da linguagem*. 10.ed. São Paulo: Hucitec, 2002.

\_\_\_\_\_. *Estética da criação verbal*. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

\_\_\_\_\_. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BRAIT, Beth (Org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2005.

BUBER, Martin. *Eu e Tu*. São Paulo: Centauro, 2001.

\_\_\_\_\_. *Do diálogo e do dialógico*. São Paulo: Perspectiva, 2007.

CLARK, Katerina; HOLQUIST, Michael. *Mikhail Bakhtin*. São Paulo: Perspectiva, 2008.

FRIEDMAN, Maurice. *Martin Buber: the life of dialogue*. 4th edition. London: Routledge, 2002.

ZANDWAIS, Ana (Org.). *Mikhail Bakhtin: contribuições para a Filosofia da Linguagem e Estudos Discursivos*. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto, 2005.

ZUBEN, Newton Aquiles Von. *Martin Buber: cumplicidade e diálogo*. Bauru, SP: Edusc, 2003.

